

APONTAMENTOS SOBRE A EPISTEMOLOGIA MARXISTA: NEUTRALIDADE, PLURALISMO E ORTODOXIA

Alana das Neves Pedruzz¹
Tamires Lopes Podewils²
Elisabeth Brandão Schmidt³
Filipi Vieira Amorim⁴

RESUMO

Este artigo visa apresentar alguns apontamentos sobre a epistemologia desenvolvida por Karl Marx, caracterizando esta enquanto uma nova ontologia, a ontologia do ser social. Tal método constitui-se com três bases: a história, a dialética e a economia política; o que lhe permite transitar por várias áreas do conhecimento. Partindo desta contextualizando da obra marxiana, desenvolvemos três pressupostos da teoria marxista: a Neutralidade ideológica, considerando esta como um mito, por compreendermos que o pesquisador sempre está imbuído de ideologia; o Pluralismo Metodológico, pelo seu caráter dual, pelo ecletismo que faz convergir compreensões antagônicas e porque propicia um debate acadêmico plural; e a Ortodoxia do método, porque se contrapõe a um campo dogmático do marxismo, bem como assume que a ortodoxia é em questão de método. Por fim, destacamos a importância da inversão do método científico que Marx desenvolve em sua obra, fundando uma nova teoria geral do ser social. Também destacamos a importância do resgate dos fundamentos filosóficos das epistemologias.

Palavras-chave: Epistemologia. Marxismo. Método. Pluralismo Metodológico.

ABSTRACT

This article presents some notes on the epistemology developed by Karl Marx, characterizing this, as a new ontology, the ontology of social being. This method is with three bases: history, dialectics and political economy; allowing you to pass through several areas of knowledge. From this contextualizing of Marxian work, we developed three presuppositions of Marxist theory: the ideological neutrality, considering this as a myth, by understanding that the researcher is always imbued with ideology; the Methodological Pluralism, by its dual character, by eclectic that brings together opposing understandings and because it provides a plural academic debate; Orthodoxy of the method because it is opposed to dogmatic Marxism field and assumes that orthodoxy is a matter of method. Finally, we highlight the importance of reversing the scientific method Marx developed in his work, founding a new general theory of social being. We also highlight the importance of the rescue of the philosophical foundations of epistemology.

Keywords: Epistemology. Marxism. Method. Methodological Pluralism.

¹ Universidade Federal do Rio Grande - FURG, alanadnp@gmail.com.

² Universidade Federal do Rio Grande - FURG, podewils.t@gmail.com.

³ Universidade Federal do Rio Grande - FURG, elisabethlattes@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande - FURG, filipi_amorim@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A ciência materialista dialética desenvolvida por Karl Marx no século XIX sustenta epistemologicamente pesquisas em diversas áreas da sociedade. O que permite desenvolvermos tal afirmação é a obra de Lukács (2012; 2013), onde assevera que a filosofia marxiana foi precisamente a elaboração de uma nova ontologia. A ciência do ser em Marx diferiu radicalmente das ontologias elaboradas até aquele momento, ao que Lukács nomeou “ontologia do ser social”. A teoria geral do ser social de Marx também apresenta impositividade universal, ou seja, precede o fazer científico de qualquer área do conhecimento que tenha como sujeito/objeto os fenômenos sociais.

O método científico marxista – ontométodo (TONET, 2013) – é composto fundamentalmente por três bases: história, dialética e economia política. Esse arranjo teórico-metodológico possibilita que a teoria marxista transite em áreas diversas – filosofia; sociologia; política; economia; educação; etc. –. No entanto, essa mesma articulação epistêmica, permitiu que o método de Marx fosse desestruturado e modificado fundamentalmente, principalmente por teóricos da II Internacionalⁱ e posteriormente por pensadores stalinistas. Estas deturpações, principalmente no que diz respeito às elucubrações de Stalin, geram críticas a Marx e a sua teoria que não condizem com a realidade. Assim, os apontamentos que desenvolveremos durante este texto estão ligados, ao chamado marxismo ocidentalⁱⁱ, que tem como principal teórico o filósofo húngaro György Lukács. Longe de intentarmos apresentar a epistemologia marxista em sua totalidade, buscamos neste artigo desenvolver três princípios que direcionam a pesquisa neste referencial teórico.

Começamos com alguns apontamentos sobre a neutralidade ideológica por considerarmos que tanto este tópico, quanto os dois seguintes – pluralismo metodológico e ortodoxia do método – dizem respeito ao que compreendemos ser indispensável no processo constituinte de todo pesquisador, a tomada de posição. Apesar de termos separado as questões da neutralidade ideológica, do pluralismo metodológico e da ortodoxia do método em três tópicos distintos, não consideramos que tal separação se efetive na materialidade, ela é apenas recurso de escrita para que possamos desenvolver o texto com a maior clareza possível.

2. NEUTRALIDADE IDEOLÓGICA

Almejamos começar esta etapa de nossa escrita discorrendo sobre o “mito da neutralidade ideológica”, compreensão posta por Mészáros (2012) em sua obra *O poder da*

ideologia. Assim como apresentaremos apoiados em Lukács (2003) a ortodoxia do método, a não-neutralidade ideológica se configura como um postulado em nossa epistemologia, mais especificamente no tocante ao método e a metodologia. Mészáros afirma que ideologia é sempre ideologia de classe, ou seja, a produção de determinada pesquisa está imbuída de ideologia de classe. Essa ideologia nem sempre é a ideologia da classe a qual pertence o produtor da pesquisa, muito pelo contrário, na grande maioria das vezes é a ideologia da classe hegemônica, afinal, compreendemos embasados em Marx (2009, p. 67) que, “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes”.

A fim de sustentar mais claramente as bases de nossa compreensão sobre a neutralidade ideológica, cumpre explicitar, em linhas gerais, o que entendemos por ideologia. Como já afirmado anteriormente, compreendemos que a ideologia tem como característica o intrínseco caráter de classe, porém, Mészáros (2012) vai além e detalha com melhor elaboração algumas possibilidades para pensarmos o conceito de ideologia em suas múltiplas determinações. Primeiramente, o autor destaca a possibilidade de a ideologia ser uma compreensão invertida da realidade, onde uma classe assume interesses diversos daqueles que lhe são próprios, se constituindo enquanto classe-em-si e não sob a forma de classe-para-si. Em um segundo momento, Mészáros (2004, p.67) apresenta a ideologia como “consciência prática inevitável das sociedades de classe” deixando absolutamente claro que existe intencionalidade na objetividade social. O autor questiona ainda a compreensão de ideologia como falsa consciência, o que podemos entender como o movimento de encobrimento da realidade, empregado a fim de atender a interesses específicos. O debate sobre o conceito de ideologia é bastante amplo na ciência, em especial, na teoria marxista. Não negamos a possibilidade de pensarmos a ideologia de outra forma, no entanto, a compreensão de Mészáros é a que, até este momento, melhor atende aos nossos questionamentos.

Buscamos aporte teórico para a compreensão de neutralidade ideológica majoritariamente em István Mészáros (2012) e Ivo Tonet (2004). Em acordo com os autores a ideologia tem sua base na classe social, assim sendo, a pesquisa está diretamente relacionada à ideologia da classe a qual pertence – ou assume – o pesquisador. Dessa forma, a neutralidade ideológica se apresenta como um mito, ou seja, o milagre metodológico dos discursos racionais, de sujeitos isolados da estrutura social, não se aplicaria à realidade concreta.

Destarte, o método científico tal qual conhecemos hoje, teve seu desenvolvimento intimamente ligado à ascensão da classe burguesa. Ao tornar-se classe hegemônica, a burguesia trouxe consigo uma compreensão de fazer científico que atende às suas necessidades. Os postulados que essa ciência carrega – dentre eles a neutralidade ideológica e o pluralismo metodológico – têm como função reafirmar os interesses da classe dominante.

Se o “fazer científico” é puro e não atende a interesses específicos, todas as descobertas e invenções provenientes desse saber também são produções puras, desse modo, a ciência burguesa apresentaria apenas resultados naturais do desenvolvimento social. Com a ajuda desta ciência, podemos concluir que se a pobreza existe, não é porque determinadas relações possibilitaram tal impedimento à apropriação da riqueza produzida, mas sim porque assim são as leis naturais do desenvolvimento, assim funciona a ordem da sociedade – assim é a neutralidade ideológica.

Especificamente sobre essa questão do fazer científico, Tonet aponta que,

O conhecimento científico, porque se pretende verdadeiro, deve ser objetivo, uma vez que sua função é capturar a lógica própria do objeto. Ser neutro é não tomar partido, isto é, não permitir que julgamentos de valor interfiram na produção do conhecimento. [...] Na medida em que existe uma vinculação essencial entre conhecimento e perspectiva de classe então, nenhum conhecimento pode ser produzido sem estar marcado, de alguma maneira, por essa vinculação (2013, p.109).

À classe burguesa interessa que os saberes desenvolvidos pela classe trabalhadora sejam aparentes, superficiais e imediatos. O consenso, a objetividade, a neutralidade ratificam a posição superior em que a ciência dominante – em nossa época a ciência burguesa – se coloca. O desvelar dos nexos causais, que permitem que a realidade seja de determinada forma, rompe com os interesses de quem necessita da conservação do *status quo* para sua conservação enquanto interesse – ideia – universal.

Assim, a ciência burguesa, “longe de oferecer um espaço adequado para a investigação crítica, a adoção geral do quadro metodológico pretensamente neutro equivale, de fato, a consentir em não levantar as questões que realmente importam” (MÉSZÁROS, 2012, p.302). Os conhecimentos que desvelem a legalidade ontológica dos fenômenos abrem espaço à contestação das relações e interesses que possibilitaram o desenvolvimento de tal fenômeno.

Entendemos que é inviável buscar uma compreensão de ciência fora do processo histórico da qual é proveniente. O homem atua de acordo com as necessidades impostas pela

materialidade, e tais necessidades são determinadas pelas condições materiais às quais, este está condicionado. Compreender a atuação do homem no movimento científico implica no conhecimento dos interesses de classe inerentes às ações humanas que se desenvolvem em uma sociedade dividida em classes.

A burguesia se apoia no postulado da objetividade, da neutralidade ideológica para continuar sustentando sua posição. Assumir uma posição frente ao desenvolvimento da ciência poderia afetar o sucesso de um trabalho científico, e ao fazermos ciência deveríamos ser o mais objetivo possível, deixando de lado os juízos de valor. Tais sentenças comumente reproduzidas pela ciência burguesa carregam consigo contradições que em nossa compreensão não são verdadeiras. O primeiro ponto que precisamos destacar fala sobre a objetividade no fazer científico. Ao tratarmos do ser social – que produz a ciência – a objetividade por si só não seria possível, ela está diretamente ligada à subjetividade. Isso não significa afirmar que essa relação se dá de forma equivalente. Assumimos, pois, a compreensão de que na relação entre objetividade e subjetividade, a prioridade é da materialidade. Sendo assim, o sujeito nunca pode estar neutro em relação ao objeto. Esta relação é uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que o objeto atua na subjetividade do sujeito – por meio das propriedades do reflexo –, transformando-o, também o sujeito incide sob o objeto, igualmente transformando-o.

A segunda questão a destacar diz respeito ao juízo de valor, pois a negação da tomada de posição por parte do cientista é demasiadamente ideológica, visto que, se compreendermos que o cientista deve e pode ser idôneo em relação ao seu fazer, estaríamos deixando de lado as implicações éticas de sua produção. Como deveria se portar um cientista cujo trabalho desenvolvido em uma instituição pública recebe financiamento de empresas privadas com interesses opostos à classe a qual pertence? E no caso de pesquisas financiadas com recursos públicos e que acabam por gerar lucro e expropriação das riquezas produzidas pelos trabalhadores, deveria o cientista desenvolver seu fazer científico sem levar em conta os interesses que estão por trás da ciência?

Fazer ciência que se pretenda revolucionária neste modelo de sociedade é posicionar-se na contramão da formação e das práticas dominantes. Assumir a ciência marxista como intencional e ideológica é levar em consideração a função social do desenvolvimento científico.

3. PLURALISMO METODOLÓGICO

Relevantes são os estudos do professor Ivo Tonet (2004) sobre o pluralismo metodológico. Este se liga diretamente à neutralidade ideológica, tópico que desenvolvemos anteriormente, onde assumindo determinado interesse de classe ou orientação teórico-metodológica estaríamos nos fechando à liberdade necessária ao desenvolvimento de uma pesquisa.

Tal fenômeno é retratado por Tonet (2004), não como a prova do exercício da liberdade dos pesquisadores, mas sim como sintoma da decadência ideológica da classe burguesa. Essa classe, não mais podendo se sustentar, tenta – esperamos que inutilmente – revigorar-se com o fôlego de compreensões que muitas vezes nascem sobre bases filosóficas já superadas. Esse movimento é característica da corrosão interna da classe dominante que, na medida em que se intensificam suas crises, aumenta também o número de constructos teóricos que reivindicam o consenso e a moderação, instrumento claramente a serviço do apaziguamento das crises. Já nos períodos de estabilidade, vemos que as armas teóricas da burguesia voltam a se afinar, transparecendo a solidez necessária a uma classe dominante que se pretende insuperável.

Sobre essa questão, Tonet nos diz que

Ao contrário do pensam os defensores do pluralismo metodológico, a existência desta grande diversidade de propostas não representa um índice de vitalidade positiva das ciências sociais, mas um sintoma de decadência ideológica da perspectiva burguesa (2004, p.116).

É também do interesse da classe dominante que o conhecimento produzido seja o mais individualizado e fragmentado possível, que o debate seja superficialmente compreendido como “argumentações iguais, com palavras diferentes”. É preciso deixar claro que entendemos a intencionalidade contida neste debate. Disfarçados sob diferenças tópicas, ou mesmo profundas (Tonet, 2004), esconde-se o antagonismo dos princípios, de compreensões de mundo que não só partem de pontos diferentes, mas nos levam a interesses também antagônicos.

Cumpramos destacar que romper com a perspectiva do pluralismo metodológico não é assumir a posição de sufocar o debate e exigir que a produção de conhecimento se dê a partir de uma perspectiva marxista. Compreendemos que tal debate é salutar ao desenvolvimento da

ciência, no entanto, compreendemos que é necessário ter clareza de posição, que se explicita a partir de que referenciais e que projeto de sociedade assumimos.

Triviños (2009) nos auxilia a compreender o pluralismo metodológico quando fala do ecletismo, possibilitado, segundo ele, pela indisciplina teórico-metodológica. Tal postura seria a superficialidade no trato dos referenciais que utilizamos, conciliando incompatibilidades e tratando como secundárias questões que dizem respeito à raiz dos problemas.

Entretanto, precisamos atentar que, em muitos casos, não se trata de ecletismo, indisciplina, neutralidade ou pluralismo por parte dos que analisam os fenômenos materiais em sua imediatividade. Caso estes compreendam o mundo em concordância com aqueles que negam a cognoscibilidade da essência, precisamos dizer que esta postura é absolutamente coerente com seus referenciais e afasta-se do pluralismo e ecletismo. Consideramos que esta é a postura mais coerente e necessária no debate científico que se pretende sério.

4. ORTODOXIA DO MÉTODO

Considerando a necessidade de que o debate científico entre as diferentes compreensões de mundo se dê a partir da clareza de posição, trazemos para este estudo a questão da ortodoxia do método, presente nos estudos que realizamos das obras de Lukács (2003) e Tonet (2004). Porém, apesar de encontrarmos nestes dois autores um claro referencial a fim de que possamos explicitar nossa tomada de posição, não podemos deixar de lembrar que tal questão está contida em obras de outros autores, se não de forma clara, destacando-se em um segundo olhar. A título de exemplo, citamos a obra “Sobre a prática e sobre a contradição” onde Mao Tsé-Tung opõe-se aos dogmáticos, apresentando o caráter nocivo ao movimento revolucionário das atitudes daqueles que, negando o caráter antidogmático do marxismo, estavam “[...] não fazendo mais do que amedrontar as pessoas com palavras e frases isoladas, extraídas ao acaso dos textos marxistas. (TSÉ-TUNG, 2009, p.11)”.

É preciso salientar também que a opção de trazer a questão da ortodoxia do método não foi uma decisão de segunda ordem. Foi, antes de tudo, a necessidade de elucidar que esta epistemologia busca de trazer à tona as questões impostas pela materialidade, se tornando assim uma perspectiva que busca romper com dogmatismos, deixando a ortodoxia apenas no que tange ao método de conhecimento da realidade.

Não é à toa que tal debate se fez necessário neste estudo. Não foram poucas as vezes em que, rotulados como dogmáticos e cegos pela leitura marxista da realidade, fomos surpreendidos pela mesma negação do movimento dialético da realidade a que fomos acusados. Nossas práticas têm sido criticadas com a mesma avidez com que dizem que agimos. Deixar de lado a vitalidade e o movimento inerentes ao marxismo é fazer a crítica ao dogmatismo dos marxistas a partir da superficialidade e, da aparência, bem como sabemos. A aparência, ainda que esteja em relação com a essência, não corresponde a esta em absoluto. Neste sentido, Lukács (2003, p.75) ao citar Marx, nos diz que todo fenômeno esconde em sua essência aspectos que na imediaticidade de sua manifestação não podemos desvendar. Se a aparência de um fenômeno correspondesse integralmente à essência do mesmo, não seria necessário fazer ciência.

Longe de corroborar com a crítica revisionista às obras marxianas, mas no sentido de compreender o que é essencial no entendimento marxista da realidade, é de abordarmos a necessária e inerente revitalização da compreensão de mundo proposta por Marx. Ainda que, não seja possível, para este momento, desenvolver de forma satisfatória todos os aspectos que compõem a compreensão marxista de mundo, é necessário que se identifique aquilo que constitui o seu núcleo central, núcleo este que, no processo histórico de revitalização do marxismo precisa ser resgatado em suas proposições originais.

Compreendemos, com a ajuda de Lukács (2003) que, ainda que algumas proposições marxistas sejam superadas em virtude do desenvolvimento histórico da ciência, não será necessário romper frontalmente com o conjunto da proposição marxista, porque a ortodoxia, em relação a esta compreensão de mundo, diz respeito exclusivamente ao método.

Não temos a pretensão de afirmar que todas as considerações tecidas por Marx no século XIX possam ser aplicadas aos nossos dias de forma imutável. É inegável que a materialidade sofreu alterações inimagináveis na época de Marx, e, portanto, não poderia ele discorrer sobre o que ainda não era material. A título de exemplo, podemos citar o alto desenvolvimento tecnológico em que estamos imersos. Não poderia Marx falar de tais tecnologias (como computadores, comunicação via satélite, etc.) se isto ainda não existia em sua época. Tampouco estaria correto se fizéssemos tal leitura retirando das obras de Marx trechos que se encaixam em outros contextos e fazendo remendos na teoria marxista que deem ideia de que Marx esmiuçou tal desenvolvimento tecnológico. Nosso papel, enquanto

estudiosos desta compreensão de mundo, é capturar da produção marxista, aqueles aspectos que nos permitam fazer a leitura da realidade.

Seguindo em nosso exemplo, compreendemos que mais correto seria dizer que, partindo de uma leitura marxista do mundo, podemos entender que tal desenvolvimento tecnológico não paira na realidade, abstraído de quaisquer relações ou ligações. O desenvolvimento que vivemos hoje corresponde ao movimento histórico do desenvolvimento da ciência, e tais tecnologias estão inscritas em determinado *modo de produção*, cuja legalidade ontológica liga-se à exploração do homem pelo homem, o que também esteve presente em outros *modos de produção*. Nesta leitura, podemos dizer então que, este desenvolvimento tecnológico, relacionando-se a outros fenômenos, compõem uma totalidade. Desta totalidade podemos pinçar, abstratamente, o fenômeno do desenvolvimento tecnológico, para então compreendê-lo em suas múltiplas relações e ligações, entendendo sua identidade e diferença dos outros fenômenos.

Partindo do método marxista, e entendendo que dele não podemos abrir mão, vamos, na medida de nossas possibilidades, revigorando o caráter histórico das proposições marxistas. Vemos em Lukács que

a função do marxismo ortodoxo – a superação do revisionismo e do utopismo – não é, portanto, uma liquidação definitiva de falsas tendências, mas uma luta incessantemente renovada contra a influência perversora das formas do pensamento burguês sobre o pensamento do proletariado. Essa ortodoxia não é guardiã de tradições, mas a anunciadora sempre em vigília da relação entre o instante presente e suas tarefas históricas em relação à totalidade do processo histórico (2003, p.104).

Não cabe a nós, portanto, enquadrar a realidade dentro da teoria marxista, mas sim, partir dela, enquanto compreensão de mundo, para tecermos a leitura das atuais condições históricas em que estamos imersos, desenvolvendo tal leitura a partir do que compreendemos como o método, para nós, o mais adequado ao desvelamento da realidade, o método marxista.

5. CONCLUSÃO

No debate empreendido neste artigo desenvolvemos uma breve exposição de alguns aspectos do método elaborado por Marx. Este caracteriza-se por uma inversão de metodologia científica clássica, dando início – com esse rompimento – não só a uma compreensão radicalmente diversa de método e de ciência, mas, especialmente, funda uma nova teoria geral do ser, uma nova concepção de mundo.

Partindo dessa especificidade do pensamento marxiano, julgamos importante – caso se pretenda desenvolver uma pesquisa segundo a epistemologia marxista – o resgate do pensamento de Marx, considerando este enquanto uma nova concepção ontológica do ser social, ou seja, tomando como ponto de partida de nossa caminhada rumo ao conhecimento da totalidade concreta, esta peculiaridade da natureza da obra de Marx.

Por esse prisma, cumpre destacar a necessidade não só de resgatar o debate do substrato filosófico inerente as diversas epistemologias presentes no debate científico, bem como dos postulados e princípios que orientam o que-fazer epistêmico. Tal desafio, intentamos desenvolver neste artigo, trazendo à discussão alguns apontamos que julgamos importantes sobre a neutralidade ideológica, o pluralismo metodológico e a ortodoxia do método.

REFERÊNCIAS

- LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe** – Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo. 2012.
- LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo. 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- TONET, Ivo. **Democracia ou Liberdade?** 2ª ed. Maceió: Edufal. 2004.
- TONET, Ivo. **Método Científico** - uma abordagem ontológica. 1ª ed. São Paulo: Instituto Lukács. 2013.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2009.
- TSE-TUNG, Mao. **Sobre a Prática e Sobre a Contradição**. 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ⁱ A segunda Internacional caracteriza-se por uma orientação socialdemocrata na interpretação dos escritos marxianos, onde figuram principalmente os nomes de Plekhanov e Kautsky.

ⁱⁱ O marxismo ocidental é colocado em oposição ao marxismo soviético, principalmente no que tange os teóricos filiados ao pensamento stalinista. O marxismo ocidental tem como principais autores Lukács, Korsch e Gramsci.